

## As mulheres migrantes poderão escapar do patriarcado?

*Gaye Yilmaz e Sue Ledwith*

As mulheres migram para escapar de conflitos, guerras, pobreza, pressões e responsabilidades familiares ou do medo da opressão sexual. Ao mesmo tempo, são vítimas das ideologias controladoras, gêmeas do patriarcado e da religião.

Tal foi o caso das 120 mulheres migrantes entrevistadas para o nosso livro *Migration and Domestic Work* [Migração e Trabalho Doméstico]. Todas elas foram trabalhadoras domésticas em casas particulares em Londres, Berlim ou Istambul. Elas eram principalmente muçulmanas (52) ou cristãs (44), além de algumas budistas, hindus ou pagãs. Vinte mulheres perderam a fé nas duas principais religiões e se converteram ao ateísmo.

A informação foi coletada através de entrevistas, visitas e observações realizadas nas três cidades: nas casas onde as mulheres estavam empregadas, em organizações étnicas e comunitárias e em agências de emprego. Por causa de seu desenho, a pesquisa objetivou que as mulheres contassem suas histórias e estabelecessem suas agências. Como propósito adicional, o objetivo era explorar a solidariedade coletiva entre as mulheres migrantes. O grupo de entrevistadas incluiu mulheres curdas, um grupo pouco estudado. Foi gerada uma reciprocidade de pesquisa criativa, graças ao fato de a pesquisadora, Gaye Yilmaz, ter ensinado cursos de economia marxista em organizações comunitárias em Londres e Berlim.

Embora a situação das mulheres migrantes já tenha sido objeto de numerosos estudos, o presente trabalho abre novas perspectivas, focando tanto os códigos culturais do patriarcado e da religião quanto à forma em que a interação entre ambos condiciona e delimita a migração das mulheres e sua organização coletiva.

A migração respondeu a razões múltiplas e complexas, sendo a mais comum o sonho de um futuro melhor. Outro motivo que sobressaiu foi a necessidade de escapar de uma guerra ou conflito. Em terceiro lugar, estiveram a família e a

unificação familiar. É desconcertante que algumas mulheres tenham que abandonar suas atividades profissionais —para as quais tiveram uma educação universitária— em seus países de origem, porque não lhes forneceram os meios necessários para viver, ou porque tinham que se encarregar das responsabilidades familiares. Igualmente desconcertante foi o costume dos membros masculinos das famílias de usar as remessas que as migrantes enviaram para suas casas para comprar casas ou carros. Nada restava para as mulheres que tinham facilitado o dinheiro. Independentemente dos sonhos de uma vida melhor, todas acabaram como trabalhadoras domésticas, longe de suas casas. A maioria mostrou uma mobilidade descendente.

### Regimes de gênero em casa e à distância

Conseguimos estabelecer que a vida das mulheres estava dominada por regimes de gênero. Em seus novos países de residência, os papéis tradicionais de gênero no lar estavam tão presentes como tinham sido na vida que deixaram atrás. Quase sempre esses papéis estavam ligados a códigos religiosos: "No islã, as tarefas domésticas são tarefas da mulher", disse uma mulher muçulmana, enquanto uma mulher católica afirmou: "Em casa, as mulheres devem obedecer a seus maridos, devem fazer todas as tarefas domésticas...". As relações que ligam a religião e o patriarcado são complexas e, embora em alguns casos a migração tenha enfraquecido os laços, quase todas as mulheres continuaram a aceitar a posição dos homens como sustentadores da família, embora algumas deixaram constância de que não o fizeram por causa das exigências de sua religião particular. Os códigos foram estendidos a mulheres divorciadas, solteiras e ateias, ilustrando assim o peso dos papéis tradicionais de gênero dentro e fora do casamento.

A profundidade das convicções religiosas tem sido o elemento decisivo. Achava-se mais provável que aquelas que se declararam fortemente religiosas mantivessem as tradições patriarcais, independentemente do país para o qual

migrassem. Por outro lado, aquelas que se declararam pouco ou não religiosas estiveram mais dispostas a questionar e ignorar essas normas de viés masculino. As mulheres curdas —um terço de todas as entrevistadas— ocuparam um lugar proeminente entre aquelas que as desafiaram. Elas também foram mais propensas a participar ativamente em suas comunidades, e algumas delas tinham experiência sindical. A partir de sua luta política, elas estavam preparadas para trabalhar pela igualdade de gênero, expressando também opiniões feministas. Este grupo também representou a metade de todas as ateístas. Mais de um quarto das mulheres eram divorciadas, mas aquelas que tinham filhos a seu cargo tiveram que cumprir o papel tradicional de suporte único. No entanto, elas cumpriram principalmente os papéis atribuídos por gênero, embora em alguns casos como forma de manter a paz no lar e prevenir os abusos domésticos.

Nessas relações domésticas, apenas a metade das mulheres antepôs o apoio para seus maridos, suas perspectivas de emprego e sua felicidade antes da sua própria. Aquelas que se deram prioridade a si mesmas tiveram mais possibilidades de se divorciar e ser mais independentes.

O trabalho doméstico não pago tem sua continuação no trabalho de limpeza e de cuidados domésticos remunerado. Mais de 80% de todas as trabalhadoras de limpeza e cuidados são mulheres. O trabalho doméstico —mal pago, com longas horas de trabalho, perigoso— é um trabalho de mulheres. Essas mulheres estão expostas ao abuso e à exploração, e são difíceis de sindicalizar.

## Trabalho, língua, identidade

As mulheres geralmente descrevem suas condições de trabalho como difíceis. Agências, empregadores e clientes as pressionaram e puxaram em diferentes direções. O trabalho foi experimentado como não gratificante e, em alguns casos, odioso; uma mulher curda de Berlim declarou que "trabalhar com corpos velhos faz com que eu me sinta velha". Em Berlim, quase todas as mulheres eram empregadas no cuidado dos idosos. Elas receberam treinamento, e sua atividade foi mais bem regulamentada. Em Londres e Istambul, as tarefas eram mais variadas. As mulheres trabalhavam principalmente como faxineiras, embora também cuidassem de crianças e idosos. Elas gostavam de cuidar das crianças que queriam, mas rejeitaram outras tarefas: "Isso me

estressa e me esgota", e "... eu odeio limpar". O trabalho deixou suas consequências nas mulheres, especialmente em aquelas com mais de 40 anos, das quais várias tinham problemas sérios de saúde.

O fato de serem migrantes formou seu senso de identidade, enquanto foi o principal motivo de sua discriminação e definiu sua posição de classe. "As trabalhadoras migrantes de cuidados e limpeza são tratadas como se fossem de classes mais baixas". Além disso, foram adicionados outros fatores de identificação, como a origem étnica e nacional. Se as mulheres eram visivelmente diferentes —por sua cor de pele ou por se vestir de forma diferente, por exemplo, com um *hijab*— eram percebidas como "outras" no espaço público. A língua também desempenhou um papel muito importante. A fluência no uso da língua do país anfitrião foi decisiva para a sua existência como migrantes. Aquelas que tiveram uma desenvoltura deficiente na língua do país anfitrião tiveram dificuldade em acessar à assistência médica. Por outro lado, a melhoria de suas habilidades linguísticas aumentou sua autoestima e a imagem de si mesmas como migrantes, ajudou-as no caminho da integração e do sentimento de pertença, com um resultado particularmente favorável para seus filhos.

## Solidariedade coletiva

Há fortes evidências das dificuldades que enfrentam os sindicatos tradicionais na hora de organizar trabalhadores e trabalhadoras migrantes. No entanto, as abordagens centradas na organização a nível comunitário, às vezes em conjunto com organizações sindicais, se mostraram mais frutíferas. Este foi o caso no presente projeto de pesquisa. Em Berlim, as mulheres se encontraram nas agências de emprego, onde discutiam e comparavam seus salários e seus empregos e onde se ajudavam mutuamente com a tradução dos documentos como forma de solidariedade informal. Embora, em todas as três cidades, muitas vezes dependiam de grupos e redes étnicas comunitárias para encontrar trabalho e apoio mútuo. Tendo uma base nas diásporas e nos aspectos de raça, etnia, política e religião, estes foram espaços importantes em termos de pertença e identidade. No entanto, algumas mulheres expressaram críticas pela falta de informações sobre seus direitos e possibilidades de se afiliar a uma organização sindical. Além disso, as normas patriarcais e religiosas comunitárias muitas vezes exigiam o consentimento de

um parente masculino para que pudessem se afiliar: "O fato de que o islã exige a permissão do marido para a afiliação sindical tem um efeito muito negativo sobre as mulheres que trabalham". Poucas mulheres tiveram experiências anteriores de sindicalização, tanto em seu país de origem (11%) quanto em seus países de residência atual (11%).

Os funcionários sindicais enfatizaram o problema do acesso que se deve à natureza privatizada do trabalho das mulheres. Em geral, as mulheres compartilharam esta opinião afirmando que elas sabiam pouco ou nada sobre os sindicatos. Um pequeno grupo de mulheres em Londres que tinha experiências com sindicatos não sentiu que as apoiavam. Outras temiam que os sindicatos comprometessem as complexas relações afetivas em que se encontravam como trabalhadoras de cuidados. Da mesma forma, algumas barreiras práticas foram visualizadas. Em Berlim, as mulheres precisavam de um endereço e uma conta bancária para a afiliação sindical, o que era especialmente difícil para as migrantes recém-chegadas. Na Turquia, os sindicatos não admitiam migrantes. Os sindicatos tradicionais estavam cientes dos problemas que enfrentavam as trabalhadoras migrantes, mas, como o presidente da confederação sindical turca, DISK, explicou, o trabalho doméstico individualizado com alta rotatividade causaria dificuldades para qualquer movimento operário altamente estruturado.

No entanto, depois de se familiarizar com a ideia, algumas mulheres estavam interessadas em afiliar-se e trabalhar ativamente. Em Berlim, mais da metade perguntou à pesquisadora em qual sindicato elas deveriam se afiliar. Em Londres, abrimos a possibilidade de se afiliarem à *Unite the Union*, um sindicato que começou a organizar trabalhadores migrantes há muitos anos.

Concluimos que os fatores pelos quais as trabalhadoras domésticas migrantes são impedidas de desenvolver a solidariedade coletiva e a sindicalização são semelhantes às barreiras tradicionais enfrentadas pelas mulheres: vidas ambiciosas, nas quais os códigos patriarcais e religiosos sobrecarregam as mulheres com responsabilidades domésticas e familiares, combinadas com longas horas de trabalho que deixam pouco tempo para outras atividades. No entanto, existe um potencial de ativistas, uma possível vanguarda

capaz de construir pontes entre indivíduos isolados ou auto-organizações informais e comunidades e organizações sindicais. As trabalhadoras domésticas migrantes de outras cidades conseguiram isso, então esperamos que, graças a este estudo, as mulheres estejam mais bem informadas e dispostas a se colocar em movimento.

### **As autoras**

***Gaye Yilmaz e Sue Ledwith se conheceram através do grupo de estudos sobre gênero e sindicatos dos ex-alunos da Universidade Global do Trabalho, ao qual Gaye assistiu como formada do programa LPG 1, na Alemanha, e cuja coordenação acadêmica estava nas mãos da Sue. Posteriormente, ambas participaram de um projeto que culminou, em 2014, na publicação de uma coleção de estudos preparados por membros do grupo: Akua O. Britwurm e Sue Ledwith (comps.) Visibility and Voice for Union Women: Country case studies from Global Labour University researchers [Visibilidade e voz para mulheres sindicalistas: estudos de casos por países de pesquisadoras e pesquisadores da Universidade Global do Trabalho]. Sue interveio como coeditora e Gaye como colaboradora. Atualmente, Gaye trabalha como pesquisadora de meio período na Universidade Bogazici em Istambul, enquanto Sue trabalha no Colégio Ruskin, em Oxford.***

### **Referências bibliográficas**

Yilmaz, G. e Ledwith, S. (2017) *Migration and domestic work: the collective organisation of women and their voices from the city* [Migração e trabalho doméstico: organizações coletivas de mulheres e suas vozes na cidade], Palgrave Macmillan, Londres.

***Las opiniones expresadas en esta publicación no reflejan, necesariamente, los puntos de vista de la Friedrich-Ebert-Stiftung.***